

OS ESTUDANTES AO LADO DO POVO E SOB A DIRECÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA !



**PROCLAMAÇÃO
DA
FEDERAÇÃO
REVOLUCIONÁRIA
DOS ESTUDANTES
PORTUGUESES**

FREP

OUTUBRO DE 1974

PROCLAMAÇÃO DA F. R. E. P.

RELATÓRIO APRESENTADO PARA DISCUSSÃO E APROVAÇÃO NO CONGRESSO NACIONAL DE PROCLAMAÇÃO DA FEDERAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DOS ESTUDANTES PORTUGUESES (ORGANIZAÇÃO DE UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DOS ESTUDANTES PORTUGUESES) PELO COMITÉ PRÓ-F.R.E.P.

Camaradas:

Há apenas pouco mais de um ano, como sabeis, por altura da gloriosa jornada de 12 de Julho de 1973 em que os operários e trabalhadores da TAP se ergueram contra os exploradores e o regime fascista de Marcelo Caetano, os estudantes cada vez mais despertados para a luta política sentiram uma necessidade imperiosa de se organizarem revolucionariamente tendo em vista a prossecução dos objectivos que os animava. Esta decisão, esta ideia de se constituírem embriões de uma futura Federação Revolucionária dos Estudantes Portugueses surgiu com a nova situação criada pelo desenvolvimento impetuoso do movimento de massas dos estudantes, reflexo da agudização da luta de classes da sociedade portuguesa, em que a intensificação da luta anti-fascista, anti-colonialista e anti imperialista materializada na aprovação de moções revolucionárias, nas greves gerais nos exames, nos meetings e comícios, nas campanhas de solidariedade com as lutas do Povo português e dos Povos das colónias e nas manifestações populares revolucionárias, são a sua expressão concreta. Por outro lado, havia forçosamente que superar o legalismo liquidacionista de reformistas e neo reformistas que pretendiam conter a luta revolucionária dos estudantes nas Associações legais e no movimento associativo estudantil.

De então para cá, aquela vontade ardente que animava alguns converteu-se já, em todo o Portugal, numa força incontível que ganhou raízes e se desenvolveu incessantemente no seio da generosa juventude estudantil. Dezenas de acções são conduzidas directamente pelos estudantes revolucionários ou são por eles influenciadas; luta pela vingança do camarada Ribeiro Santos; luta do Técnico, Medicina e Económicas pela reabertura das AA.EE, contra as incorporações forçadas e pela expulsão dos gorilas (Direito e Letras); luta contra o fecho do bar de Medicina e da Cantina de Letras (Porto), etc.; para além de tudo isto, os estudantes revolucionários organizados em Comités Ribeiro Santos tiveram papel preponderante na integração da luta estudantil com a luta popular na inesquecível campanha de solidariedade estudantil com os operários de Vieira de Leiria em luta, nas manifestações populares de desmascaramento das eleições fascistas-revisionistas de Outubro passado, de repúdio pela estadia em Portugal de Kissinger, caixeiro-viajante dos monopólios e ainda nas gloriosas manifestações anti-colonialistas de 21 de Fevereiro e no imponente 1º de Maio Vermelho.

Esta conferência de proclamação duma Federação Revolucionária dos Estudantes Portugueses é muito necessária e oportuna e realiza-se num momento particularmente agudo de luta de classes no nosso país.

De facto, uma profunda crise social, económica, militar e política abalou a sociedade portuguesa nos seus alicerces, colocou a camarilha marcelista na condição de não poder governar e a grande burguesia portuguesa, lacraia do imperialismo estrangeiro com o iaque à cabeça, encarregou-se de colocar no poder a burguesia liberal acolitada pelos traidores revisionistas do partido de Barreirinhas Cunhal, no sentido de esta conter o avanço impetuoso da luta dos povos das colónias e do nosso próprio povo e assim superar a crise asfíxica em que se debatia.

Mas o governo que as condições objectivas da sociedade portuguesa exigem, não é um governo da burguesia, mas um governo popular, não é um governo saído da contra-revolução com a finalidade única de barrar o caminho à revolução, mas um governo emergente da Revolução com a finalidade de prosseguir o programa político do Povo e esmagar a contra-revolução.

Na realidade, o tiro que a grande burguesia julgava certo saiu-lhe pela culatra. As contradições em que se debate como classe condenada agudizaram-se, o aprofundamento da crise do sistema capitalista é um facto inelutável.

Passados 5 meses sobre o golpe militar de 25 de Abril podemos constatar quão justa é a tese anterior, qual era, afinal, o programa de "salvação nacional" que a nova camarilha apregoava. De facto eis-lo à vista: um salário de fome nacional e o aumento de preço dos bens de primeira necessidade; a permanência de grandes propriedades, muitas delas em baldio, na mão de um pequeno número de grandes lactifundiários e a falta de uma courela de terra à grande imensidão dos assalariados agrícolas, a manutenção da emigração para que a burguesia, por meio das remessas dos emigrantes, possa levar à frente os seus planos de investimentos; o falar de paz sem regresso dos soldados, com a continuação dos embarques para as colónias, tudo isto expressão evidente da política colonialista e neo-colonialista da Junta e do Governo Provisório, lídimos representantes do grande capital e do imperialismo, sem a revogação dos tratados secretos com a Rodésia e a África do Sul, a lei fascista da "informação", a lei "anti-greve", a lei que pretende controlar ao máximo os

comícios e as manifestações, o COPCON para "manter a ordem social estabelecida" (ou seja, a ordem do capital), a libertação dos principais responsáveis fascistas, a liberdade dos partidos fascistas se constituírem, a suspensão do jornal LUTA POPULAR, o assassinato de Vitor Bernardes; a manutenção dos acordos militares com a NATO, a permanência de bases imperialistas na nossa pátria, o aumento do controle dos sectores fundamentais da economia portuguesa por parte dos imperialistas estrangeiros como contrapartida dos empréstimos e da necessidade de desenvolvimento industrial, o desenvolvimento e aplicação da reforma colonialista e imperialista do fascista Veiga Simão que agora representa o Governo português na ONU, etc., etc..

No que respeita à situação concreta nas escolas, o programa de "salvação nacional" é claro e a experiência mostra-nos em que consiste ele: no que concerne ao conteúdo do ensino, e como não podia deixar de ser, tudo na sua essência permanece excepto uma ou outra cadeira; a estrutura burocrática escolar mantém-se ainda de pé, tendo-se colocado de lado os fascistas mais notórios; em relação aos exames, pedra básica do ensino burguês em os quais não poderia funcionar, sobre as matérias reaccionárias, anti-científicas e anti-populares, nada de novo; os directores fascistas são substituídos por conselhos directivos que fazendo crer que os estudantes participam na gestão da escola, mais não fazem do que congeminam propostas nas suas costas com a activa participação dos revisionistas, em suma, o programa de "salvação nacional" mais não faz do que "desenvolver a reforma educativa" (do programa do Governo) de modo a adaptar o ensino às novas condições de desenvolvimento do capitalismo português e a formar técnicos para a exploração capitalista, para a dominação colonial-imperialista, para a gestão do aparelho burocrático do estado e para a vinculação da ideologia da classe dominante, como professores.

Os estudantes, embora não estejam inseridos no processo de produção de bens materiais da sociedade e a sua origem de classe seja heterogénia, como jovens estão ligados ao novo e ao progresso e a chama da sua revolta contra o poder fascista, colonialista e imperialista que os oprime, humilha e fecha todas as perspectivas de vida, não cessa de crescer. De facto, se antes de 25 de Abril a luta estudantil se virava contra os aspectos fundamentais da sociedade capitalista, depois do golpe, e caldeada pela experiência viva dos factos, ela tornou-se mais aguerrida, a vontade firme dos estudantes se colocarem ao lado do povo e sob a firme direcção da classe operária aumentou, o seu querer inabalável de serem amanhã, numa sociedade nova, liberta da exploração do homem pelo homem, os técnicos necessários ao desenvolvimento económico e social, faz lhes cada vez mais pensar, agir e viver como revolucionários.

Recusando o papel que a burguesia lhes destina como verdugos do Povo e compreendendo, à luz da actual situação política a essência da reforma geral e "democrática" do ensino, os estudantes democratas, anti-fascistas, patriotas e revolucionários têm vindo a compreender que a escola democrática e popular a que tanto aspiram jamais será alcançada nesta sociedade e que só a Revolução Popular Armada a poderá trazer. Em boa verdade, eles têm vindo a compreender que enquanto a escola nova desempenha um papel importante na edificação económica e social, é um factor fundamental de redução progressiva entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, serve para reduzir progressivamente até anular, as disparidades essenciais entre as cidades e os campos, entre a indústria e a agricultura, entre a classe operária e o campesinato, etc., a escola burguesa visa a formação de técnicos que irão servir, segundo a estratégia da burguesia, a exploração económica e a opressão social e nacional, militar e cultural do povo português e dos heróicos povos irmãos das colónias.

Ao proclamarmos a FREP fazêmo-lo cientes da sua grande necessidade e oportunidade. Hoje, , mais do que nunca, as amplas massas desejam-na e aceitam-na ardentemente, dão-lhe todo o apoio e o carinho por ela é enorme. Na realidade o despontar das lutas revolucionárias estudantis em todo o país e o desejo de unidade manifestado pelas massas no decorrer dessas lutas não podia permitir a continuação do seu carácter fragmentário sem uma direcção única e centralizada e exigia em absoluto, para levar a luta a bom termo, precisamente uma organização revolucionária dos estudantes, única e centralizada, que aceitando voluntariamente a direcção da classe operária e da sua vanguarda revolucionária - o MRPP - e estivesse resguardada dos golpes da contra-revolução armada, conseguisse ser o elo fundamental de união das massas estudantis com a luta política do Povo português.

Os princípios políticos da FREP partem da base que a luta revolucionária dos estudantes não é nem pode ser independente da luta anti-fascista, anti-colonialista e anti-imperialista do povo português sob a direcção da classe operária, mas sim fazem parte dessa mesma luta e que, portanto, a solução dos problemas estudantis só poderá ser resolvida pela Revolução Popular Armada que derrubará a nova ditadura da burguesia, expulsará o imperialismo da nossa pátria, porá termo à exploração capitalista, proclamará a separação e completa independência política, económica e cultural para os povos das colónias e trará à juventude a escola nova, democrática e popular, ao serviço das amplas massas do povo e que contribuirá para robustecer a aliança operário-camponesa.

A FREP tem uma ideologia revolucionária que corresponde à actual fase da Revolução Democrática e Popular. É pois anti-fascista, anti-colonialista e anti-imperialista, profundamente revolucionária e patriótica e que conjuga os interesses de todas as classes e camadas do Povo que participam na Revolução.

Do ponto de vista orgânico a FREP rege-se pelos princípios do centralismo democrático e no seu seio aplica as seguintes regras de disciplina: a) Subordinação de cada membro à organização; b) subordinação da minoria à maioria; c) subordinação dos escalões inferiores aos escalões superiores; d) subordinação da totalidade do Partido ao Comité Central. Para além disto utiliza o método da crítica e auto-crítica como factor da justa solução das contradições no seio do povo.

O seu programa revolucionário e popular, em torno do qual todos os estudantes portugueses se devem unir e agrupar para a luta sob a direcção da classe operária é o programa em 6 pontos, a saber:

- 1) Unir a luta dos estudantes à luta mais geral do povo português pelos objectivos da Revolução Democrática e Popular, o PÃO, a PAZ, a TERRA, a LIBERDADE, a DEMOCRACIA e a INDEPENDÊNCIA NACIONAL;
- 2) Lutar contra o colonialismo e a guerra colonial-imperialista na base do programa de unidade revolucionária anti-colonialista em 4 pontos do Movimento Popular Anti-Colonial (MPAC), tendo em vista o princípio estratégico do proletariado de transformar a guerra colonial-imperialista numa guerra civil revolucionária em Portugal pelos objectivos da Revolução Democrática e Popular;
- 3) Lutar contra o imperialismo, a dominação política, económica, militar e cultural da nossa pátria pela Independência Nacional;
- 4) Lutar contra a repressão fascista do Estado burguês;
- 5) Lutar contra a escola burguesa e suas reformas colonialistas e imperialistas, pela escola nova, democrática e popular ao serviço dos operários e camponeses;
- 6) Lutar intransigentemente contra todas as concepções oportunistas no seio do movimento de massas dos estudantes, tais como o reformismo, o neo-reformismo, o anarquismo e o anarco-sindicalismo.

Guiada por este programa revolucionário a FREP propõe-se canalizar todas as particularidades de descontentamento das massas estudantis que, de mãos dadas com a indomável juventude operária e camponesa e com todo o povo, rebentarão com todas as correntes que impedem a revolução e o progresso no nosso país.

Nesta data histórica de proclamação da FREP, estamos certamente convencidos que todos os estudantes democratas, anti-fascistas, patriotas e revolucionários sentirão uma profunda alegria e entusiasmo; por outro lado, o ódio do inimigo aumenta sobre nós, mas o avanço imperável da Revolução no nosso país demonstrará, mais uma vez, que todos os reacçãoários são tigres de papel.

A situação actual é mais excelente do que nunca, a revolução colocada na ordem do dia está numa encruzilhada e os estudantes têm que tomar rapidamente a decisão de qual o caminho que seguirão: ou o caminho da contra-revolução trilhado pelos revisionistas da chamada UNEP que procuram a todo o transe exercer a sua hegemonia, controlar burocraticamente todos os organismos de massas dos estudantes e trair a sua luta, bem como por todos os grupelhos trotskistas, neo-revisionistas, anarquistas e anarco-sindicalistas; ou o caminho da revolução, da Liberdade, da Paz e do Progresso que trará aos estudantes a escola a que tanto aspiram, ao serviço dos operários e camponeses e do desenvolvimento económico e social do nosso país.

No momento actual há que dar um combate resoluto e implacável às posições liquidacionistas que são próprias dos vários grupelhos oportunistas e que se manifestam também no nosso seio e armarmo-nos do indomável espírito do camarada Ribeiro Santos, praticando um estilo de trabalho revolucionário nos planos político, ideológico e organizativo para superarmos todos os obstáculos que se interpuserem no caminho.

Por último, resta-nos fazer um apelo a todos os estudantes verdadeiramente progressistas e revolucionários para que se juntem mais estreitamente a nós e sob a bandeira da FREP unirem cada vez mais a luta estudantil à luta mais geral do Povo, sob a firme direcção política da classe operária e da sua vanguarda revolucionária.

ORGANOS A F. R. E. P. NAS GRANDES
TEMPESTADES DAS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS!
VIVA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR,
PELO PÃO, PAZ, TERRA, LIBERDADE, DEMOCRACIA
E INDEPENDÊNCIA NACIONAL!
O POVO VENCERÁ!